



# CINEMA E CONCEITOS HISTÓRICOS EM SALA DE AULA

Carolina Parente Rodrigues Mazoni Mitt<sup>1</sup>, João Batista de Oliveira Dias<sup>2</sup>, Luíza Lima Dias<sup>3</sup>, Vanessa Martins Gonçalves<sup>4</sup>

<sup>1</sup>UFMG/Departamento de História/FAFICH, carolinamitt@gmail.com

<sup>2</sup> UFMG/Departamento de História/FAFICH, jbodias@yahoo.com.br

<sup>3</sup>UFMG/Departamento de História/FAFICH, dias.lu.lima@gmail.com

<sup>4</sup> UFMG/Departamento de História/FAFICH, vanessamartins41@outlook.com

**Resumo:** Este artigo visa contar de maneira experimental a nossa convivência com os alunos de 4º e 5º anos do curso de GTD (Grupo de Trabalho Diferenciado) no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Partindo de uma proposta de estágio obrigatório da disciplina de Prática II, ministrada para os alunos de História do 5º período da UFMG, fomos encaminhados pela Profª Drª Miriam Hermeto de Sá Motta ao Centro Pedagógico para oferecer aos alunos um curso sobre História, Cinema e Ficção.

**Palavras-chave:** História, educação, cinema, graduação.

## 1. Introdução

A convivência com alunos de 4º e 5º anos do curso GTD (Grupo de Trabalho Diferenciado) no Centro Pedagógico da UFMG é um momento único de aprendizagem na docência. Orientados pela professora de Prática II do curso de História da UFMG, tivemos a oportunidade de ensinar história a partir do cinema, no GTD titulado “História, Cinema e Ficção”, trazendo um trabalho diferenciado aos alunos da escola. Se faz necessário apresentar o que é o Grupo de Trabalho Diferenciado para começarmos esse relato experimental. O GTD é um curso oferecido semestralmente aos alunos do ensino fundamental do Centro Pedagógico com temáticas diversificadas, sendo ministrado com características semelhantes à uma oficina. O curso não pretende servir de reforço aos alunos e nem abordar conhecimentos e métodos que são empregados pelas disciplinas comuns da grade



curricular, mas sim pretende ser um momento em que os alunos possam aprender de maneira mais lúdica e dinâmica conhecimentos não priorizados pela Base Curricular Comum. Tem como proposta incentivar a interação entre alunos de diferentes anos que estão no mesmo ciclo, permitindo uma sala de aula composta por uma diversidade de idades, níveis de conhecimento e desenvolvimento psicológico. Além disso, também permite uma sala composta por alunos de diferentes meios socioeconômicos, contextos familiares e culturais.

## 2. Dos Fatos

A pluralidade de perfis e idades na turma foi essencial para fazer o nosso planejamento semestral de aulas. Levando em conta a temática do GTD, optamos por fazer um trabalho com os alunos que os sensibilizasse para alguns conceitos e temas da História a partir do cinema. Pensando em romper com a dicotomia História ensinável e História conhecimento acadêmico, selecionamos alguns conceitos que são fundamentais no pensar da História na academia e transportá-los para o ensino básico, a fim de apresentar aos alunos uma História que não se pauta apenas na narração sucessiva de fatos históricos, e sim uma disciplina com as suas especificidades, construída por determinadas pessoas e com interesses latentes.

Os conceitos selecionados por nós foram de *alteridade*, *memória*, *temporalidade*, *empatia* e *sensibilidade histórica*. A partir dessa seleção, tínhamos por intenção sensibilizar os alunos para a relação existente com o passado, de forma a fazê-los enxergar, respeitar e compreender as especificidades de cada tempo histórico. Nisso se vê claramente os conceitos *alteridade* e *empatia* e *sensibilidade histórica*, que requerem a habilidade de enxergar não somente com os nossos olhos, mas também com o olhar do outro. Vale ressaltar também que durante todo esse trabalho, atentasse para as continuidades e rupturas atribuídas ao movimento histórico, ao mesmo tempo em que se mostra como o passado pode ser um lugar divertido e simultaneamente intrigante de se visitar. Ao falar do passado falaremos também de



*memória*, uma vez que é através desta que podemos criar um passado e forjá-lo para cumprir as necessidades e interesses de uma sociedade que o cria. A memória, à medida que lembra determinadas figuras e acontecimentos históricos, relega ao esquecimento outros personagens e ações, selecionando e articulando interesses. Priorizamos também pensar a memória que é construída de um determinado fato histórico e como ela é mutável no tempo, podendo ser permanente em um largo espaço de tempo ou metamorfoseando-se em um curto período temporal de crise.

A opção de trabalhar a História e seus conceitos a partir do cinema surge da necessidade de pensar o cinema como fonte histórica, para refletir menos sobre o passado ao qual se refere e mais a sociedade que o criou, somada à narrativa do passado que foi construída no filme. É a necessidade de mostrar que o filme está dentro de uma historicidade, de uma temporalidade, explicando a opção por abordar o cinema como um meio audiovisual que ultrapassa a mera condição de entretenimento e se faz como um objeto rico para reflexões históricas. Dessa forma, a nossa escolha de filmes passou por produções de ficção que dessem margem para refletirmos sobre os conceitos descritos anteriormente, sendo longa metragens apropriadas à idade da turma e que tivessem crianças como protagonistas, de forma a produzir uma empatia e aproximação com o universo infantil.

Assim, os filmes selecionados foram “A Invenção de Hugo Cabret”, “O Menino e o Mundo” e “O Ano Em Que Meus Pais Saíram de Férias”. Também transmitido para a turma, porém selecionado pela professora orientadora Miriam Hermeto, trabalhou-se em primeiro lugar o filme “Dentro da Caixinha”, que segue o mesmo padrão. Essas produções, além de serem protagonizadas por crianças, são situadas em tempos históricos diferentes, embora sejam todas produzidas nos anos 2000. Foi uma escolha baseada em filmes que também apelassem para formas distintas de narrativas e estéticas, para proporcionar aos alunos o contato com obras que os impactasse e os incomodasse na sua dimensão técnica, tentando alargar o horizonte dos alunos sobre a diversidade de produções cinematográficas e os pontos



interessantes de cada uma delas.

Conjugamos a escolha de filmes com os conceitos elencados acima numa sequência que permitisse a reflexão dos alunos sobre a História do cinema e dos conceitos escolhidos. Sendo assim, o primeiro filme assistido foi “Dentro da Caixinha”: brasileiro, lançado em 2016, resgata as antigas cantigas de roda de uma maneira inédita, mostrando também o choque e as diferenças do estilo de brincadeiras das crianças de hoje e de um passado próximo. Mostra uma ruptura no tempo. O filme nos trouxe a possibilidade de trabalhar o olhar do outro, enxergar as mudanças e transições do tempo de maneira lúdica e criativa: a caixinha retratada no filme continha músicas e brincadeiras de antigamente, o que teria na nossa caixinha, se a produzíssemos hoje?

O segundo filme da sequência foi “A Invenção de Hugo Cabret”. Ambientado na França pós primeira guerra mundial, contando a história de Hugo, um garoto órfão apaixonado por cinema e com precoce talento para o conserto de máquinas, que conhece e tira do esquecimento um dos primeiros cineastas do mundo a utilizar efeitos especiais em suas produções, George Méliès. Foi um filme que possibilitou situarmos a História do cinema, uma vez que recupera na memória o início do cinema com os Irmãos Lumière e aborda a evolução das técnicas e alterações em sua produção. Também nos foi caro para pensar os conceitos de memória e temporalidade, já que mostra o esquecimento e recuperação de Méliès no tempo. Além disso, a obra se apresentou também como uma ferramenta para que pudéssemos trabalhar com os alunos os conceitos de alteridade e empatia histórica: eles ali tiveram a oportunidade de encarar aquele universo e tudo aquilo que se criou e se reinventou naquele período a partir da ótica de pessoas que ali viveram. Um de nossos objetivos ao trabalhar com esse filme dentro de sala de aula foi justamente a possibilidade de ampliar o campo de visão daqueles alunos para com outras realidades, em termos do historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), para com outros espaços de experiências e horizontes de expectativas para além daqueles



que eles próprios já carregam. Queríamos levar os alunos a encararem o passado e o que foi criado nele de uma forma mais problematizadora e mais isenta dos juízos de valor que o presente tende a nos condicionar para com relação àquilo que já passou ou se transformou antes de chegar até nós.

Já o filme “O menino e o mundo”, dirigido pelo animador paulistano Alê Abreu e lançado no ano de 2013, se mostrou bastante apropriado para trabalharmos questões estéticas: é o filme que mais diverge dos outros três apresentados. Por ser uma animação feita de uma maneira quase artesanal e não possuir diálogos, não se enquadrando nas animações comuns, impacta os alunos. O filme rompe com preconceitos sobre o cinema brasileiro e as animações artesanais, e abre margem para refletirmos com os alunos também os conceitos de temporalidade e alteridade: mostra uma diferença de temporalidade entre campo e cidade, dentro de uma mesma época. Permite ainda problematizar a questão da alteridade na medida que o menino se pensa em relação ao mundo e às pessoas em sua volta, e os interpreta a partir dos seus olhos de criança, se apegando e formando sentimentos e ideias de pessoas ao seu redor. O filme introduz também debates caros à contemporaneidade brasileira, como a desigualdade e segregação social, alienação, êxodo rural, problemas de infraestrutura urbana entre outros de uma forma lúdica e acessível à faixa etária dos alunos, e que leva à possibilidade que trabalharmos com eles a obra cinematográfica como um fruto e um reflexo de sua época, e que dessa forma não apresenta nunca uma mensagem isenta de valores e concepções estéticas e políticas de seu tempo.

O último filme a ser trabalhado é o “O Ano Em Que Meus Pais Saíram de Férias”, a partir do qual introduziremos aos alunos a questão da memória sobre a ditadura militar, compreendendo as diferentes possibilidades de se enxergar um fato histórico e refletindo sobre os diferentes usos que pode ter a construção de uma memória. Ainda que não seja possível um estudo mais profundo do período retratado no filme, é interessante que os alunos entendam que neste caso a ditadura militar está sendo



retratada na perspectiva de uma criança e, portanto, os acontecimentos serão todos assistidos a partir dessa perspectiva.

### 3. Conclusão

Diante da proposta de conceitos a se trabalhar a partir dos filmes escolhidos, entendemos o desafio que é transmitir para essa faixa etária conceitos tão abstratos. Experimentamos momentos em que foi notável uma dificuldade por parte dos alunos em ter uma noção de tempo histórico, de entender onde se situa, por exemplo, a França de Hugo Cabret, e quão distante está essa França da França que temos hoje. Nisso se torna ainda mais essencial a proposta de trabalhar cada conceito gradativamente, começando aos poucos com o primeiro filme, “Dentro da Caixinha”, e caminhando para uma abrangência de conhecimento até o último filme a ser transmitido, “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias”. Com cada filme é possível trabalhar conceitos em comum, o que abre oportunidade para aos poucos os alunos os compreenderem. Sabemos também como é de extrema relevância nós, docentes, compreendermos e lidarmos com a diversidade existente em sala de aula. Seja diferença no sentido de faixa etária, diferença socioeconômica ou até mesmo de personalidade, é sempre necessário levá-la em consideração, propondo tanto atividades que envolvam discussões para aqueles que melhor aprendem se expressando verbalmente, atividades lúdicas que facilitem a concentração ou até mesmo atividades que envolvam a escrita, valorizando os que se expressam melhor por ela, adequando o conteúdo do GTD ao processo de construção pessoal de cada aluno.

### Referências

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006